

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA A DISTÂNCIA

FRANCIELLE CHRISTINE CAETANO ALVES

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO
PROFESSOR-ALUNO**

UBERLÂNDIA – MG
OUTUBRO, 2021

FRANCIELLE CHRISTINE CAETANO ALVES

A importância da afetividade na relação professor-aluno

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Pedagogia, modalidade a Distância da
Universidade Federal de Uberlândia, como exigência
para aprovação em TCC II.
Orientador: Prof. Dra. Iara Maria Mora Longhini

UBERLÂNDIA – MG
OUTUBRO, 2021

SUMÁRIO

RESUMO	3
INTRODUÇÃO	3
MEMORIAL	5
PROCESSO DA EDUCAÇÃO	12
O JOGO LÚDICO E O SEU CONTEXTO HISTÓRICO	13
O AFETO MEDIANTE O ENSINO	15
AFETIVIDADE NA PERSPECTIVA DE JEAN PIAGET	17
AFETIVIDADE NA PERSPECTIVA DE HENRI WALLON	18
AFETIVIDADE NA PERSPECTIVA DE VYGOTSKY	19
EDUCAÇÃO INFANTIL	20
PROCESSO DE APRENDIZAGEM	21
RELAÇÃO AFETIVA E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL	22
A IMPORTÂNCIA DO AFETO NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS ..	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	26

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

RESUMO

A educação inserida no processo ensino aprendizagem se caracteriza como essencial para o desenvolvimento do ser humano. Durante esse processo, as partes envolvidas trocam experiências, informações e conhecimentos e, dessa forma, o processo flui de forma assertiva quando se possui uma relação positiva, contribuindo diretamente para manter a motivação do aluno como um todo. O objetivo da pesquisa é evidenciar a importância do afeto entre professor-aluno no processo de ensino-aprendizagem. A justificativa deste trabalho se baseia na importância do tema, inserindo o foco do professor quando este se dispuser a conhecer e trabalhar com discentes de uma forma geral, podendo assim compreender quais caminhos levam o professor ao melhor entendimento sobre o assunto. A metodologia utilizada neste estudo foi o método qualitativo em conjunto com a técnica de pesquisa bibliográfica. Evidenciou então, que a relação professor-aluno é extremamente relevante, uma vez que a relação de afetividade entre professor e aluno contribui significativamente para a autoestima do educando, influenciando de forma positiva o estabelecimento de confiança e motivação, contribuindo diretamente no sucesso do processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: afetividade, professor-aluno, aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O processo educacional é algo fundamental para o desenvolvimento do ser humano, além disso, a educação traz ao homem grandes avanços, no sentido de garantir um futuro melhor para todos. Nesse sentido, a educação representa tudo aquilo que pode ser feito para o desenvolvimento do ser humano, no sentido restrito, representa a instrução e desenvolvimento de competências e habilidades.

Durante muito tempo, a educação foi privilégio de poucos que possuíam condições, dinheiro e tempo para investir; para os demais, educação significava aprender com pais, família ou pessoas próximas, através de imitação, sendo como uma vivência transmitida de geração em geração. Nos últimos tempos, a educação formal não é apenas comum, como se tornou um direito universal para todos, mediante também às dificuldades de aprendizagem.

Referencial teórico construído juntamente com Andreia Luiza de Araújo.

A aprendizagem possui uma grande importância na vida do indivíduo, pois é a capacidade do mesmo de fazer uso da leitura e escrita para resolução das questões do dia a dia. A escola deve ensinar aos estudantes a leitura e a escrita, como também auxiliá-los a entender a utilidade e a importância dos textos que são abordados em sua vida para que compreendam ainda, a questão da leitura de mundo. Sendo assim, o objetivo da pesquisa é evidenciar a importância do afeto entre professor-aluno no processo de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, tanto a escola quanto os métodos de ensino tradicionais vêm sendo questionados pelo papel que deveriam exercer perante as dificuldades de aprendizagem, que a cada dia exigem um modelo de ensino diferente e mais abrangente, com pessoas mais flexíveis, mais ágeis, que sejam capazes de aprender continuamente. Nesse contexto, a educação necessita estar sempre trabalhando para o desenvolvimento de conhecimentos que sejam adequados ao momento presente e que atendam às exigências necessárias, promovendo o saber.

O objetivo geral deste trabalho é o de fazer um levantamento bibliográfico sobre o papel do docente nas dificuldades de aprendizagem, com foco na atuação do professor neste processo. Para isso, os objetivos específicos se fundamentam em: analisar o papel do educador moderno com relação à educação infantil; compreender a função da psicomotricidade aliada à educação infantil; e compreender como a afetividade faz a diferença na educação.

A justificativa deste trabalho se baseia na importância do mesmo para a comunidade acadêmica no quesito do conhecimento sobre o foco do professor quando este se dispuser a conhecer e trabalhar com discentes de uma forma geral, independentemente da sua idade ou do seu grau de formação, e ainda aqueles que tenham dificuldades de aprendizagem, podendo assim, entender quais caminhos levam o professor ao melhor entendimento sobre o assunto.

Através da relação professor aluno, durante o processo de ensino aprendizagem, todas as partes envolvidas trocam experiências, informações e conhecimentos e, assim, o processo flui de forma mais significativa e assertiva quando se possui uma relação positiva, que também influi diretamente para manter a motivação da turma como um todo.

Nesse sentido, construir uma boa relação com os alunos se faz uma excelente estratégia para garantir um ambiente saudável e muito mais propício ao aprendizado. Nesse contexto, durante os estudos de formação para o profissional pedagogo, verificou-se a necessidade de aprofundar os conhecimentos acerca do tema e em parceria com a discente Andreia Luiza de Araújo, o presente trabalho foi desenvolvido.

A metodologia utilizada neste estudo foi pelo método qualitativo que, segundo consta em Campos (2015), se preocupa com o universo de significados, crenças, valores, e atitudes, correspondendo ao universo mais profundo das relações. Foi utilizada também a técnica de pesquisa bibliográfica que, de acordo com Lopes (2006) é realizada a partir de fontes confiáveis como livros, artigos, periódicos, entre outros; visando a busca de respostas para questões e utilizando-se de métodos científicos, a fim de que o pesquisador se aprofunde em um determinado assunto.

Durante minha vida escolar, muitos professores contribuíram para minha evolução e desenvolvimento, porém os que mais marcaram e são lembrados até hoje com muito carinho e admiração são justamente os que mais utilizavam do afeto como estratégia para o processo de ensino aprendizagem. O presente trabalho, então, está estruturado a partir dessa introdução em um memorial descritivo, no referencial teórico e nas considerações finais.

MEMORIAL

Meu nome é Francielle Christine Caetano Alves, tenho 33 anos e por acreditar que quem sou hoje parte do princípio das minhas escolhas, vivências e experiências positivas e negativas percorridas durante toda a vida, vou contar um pouco de minha trajetória escolar e profissional em relação à educação.

Lembro-me com muito carinho e entusiasmo da minha infância, marcada por brincadeiras verdadeiramente de criança, correndo na rua, brincando com os amigos, jogava bola, apostava corridas, andava de bicicleta, subia nas árvores, comia frutas, tomava banho de chuva e brigava muito também, pois isso é muito normal na vida das crianças, mas sempre sorrindo e ouvindo que eu era muito custosa a vida toda. Foi uma infância intensa! Meus pais tinham um sítio onde passávamos sempre os finais

Referencial teórico construído juntamente com Andreia Luiza de Araújo.

de semana, era ótimo, sempre regados a muita liberdade, andar a cavalo, nadar no rio, e quando não estávamos lá, estávamos reunidos a família toda nos famosos almoços de domingo na casa da Vovó Maruca. Ahhh esses almoços, os primos todos reunidos, brincando, as tias envolvidas no preparo dos alimentos e os tios conversando sobre os diversos assuntos...

Digo sempre que minha infância foi ótima, eu era super sapeca, tinha muita liberdade para brincar, aprontar e ao mesmo tempo pra chorar também, como era a caçulinha da família, pode-se dizer que eu era um tanto quanto mimada. Acredito que dessa infância surgiu uma personalidade muito ligada à família, ao carinho, ao afeto, que sempre recebi de todos à minha volta, e por ser tão amada, sempre quis retribuir de alguma forma o amor que a mim era destinado.

Então era a queridinha da família que abraçava, demonstrava muito afeto, e na escola não podia ser diferente. Recordo-me que logo no início da minha vida escolar, no pré-primário, adorava agradar as professoras, pedia para minha mãe providenciar mimos para que eu presenteasse as “Tias”, chegava e a primeira coisa que queria fazer era abraçá-las.

Dessa forma minha educação começou cedo, aos 5 anos já ingressava na escola e dava início a uma trajetória que tenho muito orgulho. Minha mãe e meu pai sempre prezavam muito pela educação, dizendo sempre que era a única coisa que poderiam deixar pra nós, digo nós, pois tenho uma irmã mais velha, que sempre me serviu de inspiração tanto na vida pessoal como na vida escolar.

Meu pai era bancário, vindo de uma família que morava na zona rural, mudou-se sozinho para cidade para trabalhar e buscar melhores condições de vida. Formou-se com dificuldade de trabalhar e estudar, e logo após foi aprovado no concurso do Branco do Brasil onde trabalhou por mais de 30 anos até se aposentar, trabalhava muito para ter condições de nos dar uma educação de qualidade e sempre nos orientava a estudar com dedicação, lembro-me da famosa frase do Sr. José dos Reis... –“Estude, estude e estude.”. Diante desse esforço todo, estudei no melhor colégio da cidade de Unai-MG, o Colégio Nossa Senhora do Carmo, com o método de ensino Pitágoras, que na época era considerado excelente pela forma inovadora de conduzir o processo de ensino aprendido. O Colégio do Carmo, como era chamado, se tratava de uma escola particular, situada bem no centro da cidade, perto da minha casa, conseguíamos ir a pé para a escola.

A minha mãe, uma dona de casa porreta, muito sábia, renunciou à vida profissional para cuidar da família e das filhas, e por mais que tivesse uma rotina pesada com todos os afazeres de casa, fazia questão de acompanhar de frente e bem perto todo estudo. Fazia planilhas do jeito dela, para que tivéssemos uma rotina de estudo, ajudava nos deveres escolares, colocava para realizar as leituras em voz alta, e depois silenciosas, “tomando” a matéria em dias de provas. Além disso, os dois investiam em livros, para que nos inserissem desde cedo no universo da leitura, tínhamos assinaturas de revistas, de livros, coleção da Barsa, e por aí vai, por mais que tivéssemos acesso à televisão e com o passar dos anos à internet, sempre éramos voltadas para a leitura e a escrita, e por isso hoje em dia enalteço tanto a importância da oratória, de falar e escrever com facilidade e precisão.

Mesmo com tantos recursos eu tinha muita dificuldade em português, em redação então, nem se fala, não era boa com as palavras, e me recordo com gratidão à uma professora em especial, Tia Marizinha. Era uma senhora baixinha, fortinha, que andava com rapidez entre os corredores da escola, e conversava rápido, excelente professora! Sempre “parabenizava” os alunos com bilhetinhos com as margens coloridas, escritos com canetas de diversas cores, bilhetinhos esses que eram colados nos cadernos e exibidos aos pais com muito entusiasmo quando eram positivos, e às vezes com certa vergonha quando não eram tão positivos assim.

E assim, um dia Tia Marizinha mandou um desses bilhetinhos para minha mãe, alegando que eu não estava me saindo bem em redação, que eu precisava aprender a ler “entre linhas” e que um texto de apenas 4 frases não era uma redação propriamente dita. A partir daí minha mãe reforçou ainda mais os trabalhos em casa, onde ela me ensinava diariamente a fazer uma redação, e por mais que seu estudo fosse pouco, ela pesquisava para me ensinar, aprendia para me ensinar, e diante de muito estudo, muita luta, muito conhecimento provindo daquela mulher que não mediu esforços para que eu aprendesse, passaram-se alguns meses, e chegou o final do ano, em que com ele chegava o Desafio da Redação da escola. E sim, eu ganhei o prêmio como melhor redação da escola!

Recordo-me com detalhes desse dia, de sair para comprar uma roupa nova, um vestido azul marinho, com um sapatinho vermelho, toda enfeitada para ir receber o prêmio em um evento de solenidade na Câmara Municipal da Cidade de Unaí-MG. Lá recebi um diploma, uma medalha de primeiro lugar, e uma boneca linda, que por incrível que pareça tenho até hoje! Meus pais estavam mais radiantes ainda,

Referencial teórico construído juntamente com Andreia Luiza de Araújo.

muito orgulhosos da filha, a professora parecia não acreditar no que estava acontecendo, que a aluna que não sabia escrever mais de quatro linhas, tinha se tornado a campeã e estava recebendo o prêmio maior da escola, e minha família estava toda concentrada na casa da minha avó esperando que chegássemos para comemorar todos juntos, com um jantar simples, farto e delicioso.

Todo esse carinho e essa atenção eram essenciais para mim naquele momento, pois se tornaria uma constatação de que eu era capaz do que eu quisesse, desde que me esforçasse para que aquilo acontecesse, que me dedicasse ao máximo diante das minhas dificuldades, que meus pais estariam ali para me apoiar e me engrandecer cada vez mais.

Seguindo a vida escolar, permaneci no Colégio do Carmo por todo o ensino fundamental, era uma escola que prezava pela interação da escola com a família, tinha sempre reuniões escolares, que participavam meus pais sempre atentos a tudo que lhes eram questionados e exposto.

Minha mãe sempre foi muito presente na escola, envolvida nos projetos que porventura aparecessem envolvendo a família, fazia questão que participássemos de todas as festividades da escola, festa junina, festa da família, festas e eventos de finais de ano. Assim como nos apoiava e nos ajudava com os trabalhos em grupos, confecções das famosas maquetes, e participações nas feiras culturais da escola.

Pelo menos duas vezes no ano eram propostas excursões para cidades históricas, ou ainda para fazendas da região para realizar visitas técnicas, entre outros. Dentre essas excursões participei de uma viagem à cidade de Ouro Preto, onde no auge dos meus onze anos, era uma sensação que não podia nem me conter de tanta felicidade, viajar com os amigos da escola, uma explosão de conhecimento e liberdade ao mesmo tempo.

O carinho das professoras, assim como a paciência e o zelo com todos sempre me intrigava, como elas conseguiam “cuidar” de cerca de trinta pré-adolescentes, em uma cidade “desconhecida”.

Até a Sétima série, estudei no referido colégio, até que recebi a notícia dos meus pais que mudaríamos de cidade, meu pai havia sido transferido de Unaí para Patos de Minas, para ingressar em uma equipe nova no Banco do Brasil. Tendo em vista que seria uma oportunidade de crescimento profissional para ele, viemos toda a família de mala e cuia para cidade que até então não conhecíamos absolutamente nada nem ninguém, mas que em pouco tempo depois, nos apaixonaríamos.

Referencial teórico construído juntamente com Andreia Luiza de Araújo.

Ao chegar em Patos fui estudar em uma escola que tinha a mesma metodologia de ensino da escola “antiga”, o Colégio Fonseca Rodrigues, vulgo “Fo-Ró”. Era um colégio conhecido por ser rigoroso, com um bom ensino.

Toda essa mudança mexeu com a cabeça da Francielle no auge dos seus 12 anos. Uma vida toda nova, escola nova, perda da convivência com os amigos antigos, perda da convivência com a família, em uma escola nova, em uma cidade nova, sem conhecer ninguém. Mais uma vez minha mãe se fez de forma fundamental nesse processo, quando todos os dias estava junto apoiando, questionando, ajudando a dar continuidade na vida estudantil e pessoal.

Foi uma mudança brusca, repentina, no meio do ano. Mas encontrei com grandes mestres, e com pessoas que se tornariam verdadeiras irmãs para mim naquela sala de aula de cor marrom, fria, sombria até, eu diria. Essas pessoas quem eu cito são especiais, as duas primeiras pessoas que conheci e fiz amizade aqui na cidade de Patos de Minas, e que hoje, 21 anos depois, permanecem sendo minhas melhores amigas, madrinhas da minha filha, e mães de afilhadas minha.

Apesar do Colégio ser bem diferente do que eu estava acostumada, o ensino realmente era bom, os professores eram bons, apesar de que era nítida a diferença referente à relação aluno professor, não era constantemente vista essa questão da afetividade, do afeto e do carinho com os alunos. Acredito que os professores faziam mais a linha de “durões”, assim como era pregado pela direção do colégio.

Dessa forma, sobre relação com os professores não tenho muita lembrança dessa fase escolar, lembro-me com carinho de uma professora, a Dona Cleide, de Ciências, uma mulher nova, magrinha, baixinha, brava, mas muito eficiente, muito dedicada, e apesar de também ser durona, tinha compaixão pelos alunos e explicava quantas vezes fossem necessários.

Outro professor que vale citar é o Clarimundo, um senhor de expressão fechada, lecionava matemática, sabia muito bem o que estava fazendo, muito bem como passar, porém, não tinha nada de afetuoso com os alunos.

Nessa escola fiquei da sétima série até o segundo ano do ensino médio, e no terceiro me mudei novamente de escola, indo para o Colégio Equipe, em Patos de Minas mesmo. Ahhhh, lá o clima era completamente diferente da escola anterior, uma escola toda colorida, nova, cheia de vida, tocava até música nos intervalos! Os professores sempre bem-humorados, os diretores sorridentes cumprimentando todos os alunos na entrada, os porteiros sempre bem receptivos.

Referencial teórico construído juntamente com Andreia Luiza de Araújo.

Recordo-me com muito carinho dessa escola. O método de ensino completamente inovador, inserindo o aluno na busca pelo conhecimento, plantando a sementinha do pensamento ali, onde o aluno se fazia protagonista do saber, envolvendo o lúdico, a imaginação, a resolutiva de problemas. Lembro dos professores ensinando as disciplinas como Física, Química, Geografia, utilizando de músicas, de uma interação com os alunos que fazia toda diferença.

Ali no Colégio Equipe fazia jus ao nome, realmente os alunos e todos os funcionários da escola se faziam como uma Equipe, onde essa relação aluno professor demonstrando uma afetividade podia ser percebida e enaltecida.

Ao me formar no terceiro ano do ensino médio, ingressei logo na faculdade de Nutrição, no Centro Universitário de Patos de Minas – UNIPAM, passei e comecei com muito entusiasmo, apesar de nessa altura do campeonato, ser apenas uma menina de 16 anos, que estava achando o máximo começar uma faculdade tão nova assim, mas que no fundo hoje, no auge dos meus 33 anos, talvez se eu tivesse essa maturidade que tenho hoje, teria repensado em ingressar tão nova daquela forma. Por diversas vezes pensei o porquê da nutrição, mas segui firme no meu propósito.

Durante a faculdade, tive professoras que se portavam de forma neutra, professoras que queriam demonstrar ser duras, e professoras que acolhiam os alunos como verdadeiros filhos. E diante de uma dessas professoras, a Gracielle, surgiu a minha paixão pela Nutrição Escolar. A Gracielle era uma nutricionista linda, bem-sucedida, que amava o que fazia e tinha verdadeira paixão pelos seus alunos e pela nutrição em si. Conseguia perfeitamente lecionar com amor e demonstrar a importância disso para os alunos. E assim eu falava todos os dias que tinha aula com ela, que gostaria de ser uma nutri como ela!

Os anos foram passando, me formei e me tornei exatamente uma Nutricionista Escolar. Trabalhava em um município sendo responsável técnica pela alimentação escolar de alunos de 11 escolas, sendo da zona urbana e da zona rural. Apesar das restrições alimentares de doces, refrigerantes e de lanches altamente calóricos e não saudáveis que eu fazia nas escolas, os alunos adoravam receber a minha visita, acredito que por eu ser assim como a Gracielle, amar o que faz, e levar isso para todos que estavam envolvidos no meu trabalho.

Dessa forma eu acreditava que a partir do afeto, poderia criar vínculo com os alunos e ganhar a confiança deles, e foi exatamente assim que aconteceu. Durante minha temporada como Nutricionista do Município, era sempre bem recebida por onde

Referencial teórico construído juntamente com Andreia Luiza de Araújo.

passava, e era notória a confiança que os alunos depositavam em mim, e passavam a ter uma alimentação mais saudável a partir disso.

Após essa experiência como nutricionista escolar, tive a oportunidade de lecionar no Curso de Nutrição da Universidade Federal de Viçosa, onde mais uma vez logo me atentei que a relação aluno professor seria mais que fundamental para o bom desenvolvimento do meu trabalho, lembrava sempre dos professores que eu tive que me marcaram, de como era bom estudar com a Tia Marizinha, ou mesmo ainda com a Dona Cleide, que era mais brava, mas sabia a hora de usar o acolhimento com seus alunos.

Lembrava-me deles com carinho e me inspirava em ser uma professora dessa forma, que soubesse utilizar das melhores práticas pedagógicas para que acontecesse o sucesso do processo de ensino aprendizagem dos meus alunos.

Assim, lecionei por 2 anos como professora substituta da Universidade e, após o fim do contrato, regressei a Patos de Minas, e por ter tanto amor pela educação, por permitir realizar sonhos e possibilitar um crescimento de cada um através do meu trabalho, tive a oportunidade de ingressar no curso de Pedagogia.

Assim, mais uma vez me questioneei, por que Pedagogia? Dessa vez a resposta estava na ponta da língua, a Pedagogia é o encantamento de um trabalho realizado para transformar vidas através da educação. E é isso que eu quero pra minha vida, transformar vidas através da educação.

Diante de toda essa minha vivência, ao passar pelos diversos conteúdos teóricos que o curso de Pedagogia proporciona a mim como aluna, e ainda aos conteúdos práticos inseridos nos estágios, pude perceber que o afeto na relação aluno professor se faz de forma essencial na criação de vínculo com o aluno, com a família, até mesmo com os demais profissionais de um educandário, onde a partir do momento que o aluno se sente acolhido, gera-se uma confiança, uma motivação ainda maior, que se perfaz diante da criação de uma disciplina engrandecedora, movendo ao sucesso e à excelência do processo de ensino-aprendizado.

Nesse sentido, ao perceber que o meu trabalho de conclusão de curso poderia ser em torno desse tema, me engrandeceu os olhos e passou um filme pela minha cabeça reportando como é necessário e válido destacar a importância de mais profissionais inseridos nessa linha de pensamento profissional, uma vez que sim, a educação pode transformar vidas, e que o amor, o carinho e o afeto cabem em todo lugar!

Referencial teórico construído juntamente com Andreia Luiza de Araújo.

Referencial teórico

- Processo da educação

A reflexão sobre a atual educação no país se torna necessária, isso porque ainda existe um grande desafio a ser vencido, que é o de melhorar a qualidade desta. Há muitas questões que envolvem a educação e muitas delas não estão ao alcance dos docentes; entretanto, o educador tem imenso poder dentro da sala de aula, tendo, nesse espaço, a possibilidade de formar cidadãos com ideais, sonhos e criticidade.

O ambiente educativo refere-se ao respeito, alegria, amizade e solidariedade, disciplina, combate à discriminação e ao exercício dos direitos e deveres, os quais são práticas que visam a garantia da boa convivência e desenvolvimento da noção de cidadania e igualdade entre todos. Pela visão de Ferreira (2018), o ambiente escolar vai muito além do que um lugar de ensino e aprendizagem, é um lugar de se viver os valores da vida.

Nessa ótica, é necessário um reconhecimento mais abrangente das práticas pedagógicas do docente, incentivar que o mesmo leve novidades para a sala de aula, no qual o aluno possa se ambientar fora da escola a respeito do que aprendeu dentro da mesma. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) citados por Pacievitch (2018), encontramos que, o objeto de ensino é o conhecimento linguístico e discursivo onde o indivíduo exerce ao participar das práticas sociais intermediadas pela linguagem. A organização de situações de aprendizado, nessa ótica, propõe, o planejamento de situações de interação nas quais esses conhecimentos sejam construídos, buscar atividades que recriem na sala de aula, situações fora do ambiente escolar, entender que a escola é um espaço de interação social, no qual as práticas sociais de linguagem acontecem e se circunstanciam, com características específicas em função do ensino.

Segundo Freire (1996), os alunos ao repensarem o ambiente da escola e as mudanças que podem ocorrer, também repensarão o meio em que vivem, passarão a valorizar o que vivem, pois se sentirão como pessoas capazes de mudar algo. O autor ainda afirma que é preciso que se constate a realidade para sermos capazes de mudá-la. Para que identifiquemos intervenções que possibilitem a melhoria da escola, é preciso que se caracterize os hábitos, atitudes e comportamentos dos alunos para transformá-los em adultos conscientes.

A palavra educar para a maioria das pessoas ainda é de difícil entendimento, sendo que muitos a descrevem como sendo um dever da escola, e outras ainda dizem que é dever somente dos pais. Na verdade, educar é dever inicial dos pais que ensinam e educam a criança para a vida e depois a escola ensina os preceitos básicos necessários à sobrevivência deste no mundo; resumidamente, uma família ensina a convivência na sociedade para a criança, depois envia à escola para ensinar a ler, escrever e ter conhecimentos, associando ao desenvolvimento da criança também como um todo, criando cidadãos éticos.

Como apontam Venâncio e Freire (2005), a educação ensina a viver, é um preparo para a vida fora dos muros da escola, significa mais que transmitir conhecimentos, mais que determinar comportamentos restritos. Já de acordo com Prestes (1996), na educação deve estar presente uma razão: uma que não submete os afetos, sentimentos, diferenças; mas que tenha união dentro de uma possibilidade capaz de ser moral. Com isso se torna possível a formação de pessoas com consciência moral, e sem que haja comprometimento da autonomia dos pontos de vista existentes.

Para que haja um melhor aprendizado nas escolas é necessário não só a participação dos professores, mas também dos alunos; incentivos devem ser realizados com as crianças, levando-as ao pensamento crítico, raciocínio lógico, confecção de atividades que fogem do padrão curricular como forma de diminuir a tensão que a escola tem levado à vida dessas crianças.

- O jogo lúdico e seu contexto histórico

Os jogos cooperativos surgiram há muitos anos atrás através de alguns povos que utilizavam a cooperatividade em seus grupos, como nas danças, nos jogos e alguns rituais e na comercialização de mercadorias. Esses povos faziam isso involuntariamente, pois eles visavam o seu bem-estar e o da sua comunidade. Muitas mudanças vêm ocorrendo no ensino dos tempos modernos, e uma delas são a inserções dos jogos lúdicos na educação, em específico, os cooperativos. Que cujas condutas vislumbram o desenvolvimento global do ser humano.

Diante das transformações que marcaram essa nomenclatura, faz-se necessário ter uma visão ampliada sobre os jogos lúdicos, bem como, perceber a que

Referencial teórico construído juntamente com Andreia Luiza de Araújo.

tipo de pessoas e objetivos ele irá favorecer e contemplar, isto é, será um aliado na educação ou vice-versa. O jogo surgiu da necessidade de afirmação da espécie humana e animal como busca de autoconhecimento, informação, cultura e prazer. Nesse sentido, segundo Ferreira (2008), o jogo se relaciona com a “atividade física ou mental fundada em sistema de regras que definem a perda ou o ganho”, isto é, quando o indivíduo participa de um jogo ele terá o comportamento organizado, tendo como objetivo sempre a vitória, o empate ou a derrota, bem como, o jogo mostra-se como um grande formador de valores por gerar sentimentos alheios a nossa vontade quando perdemos e de euforia quando ganhamos.

Todavia, o jogo desperta e estimula a criança ordenando seu espaço e seus movimentos, atribuindo limites através das regras, trabalhando a personalidade das mesmas, entrando no seu mundo afetivo, motor e cognitivo. Neste sentido, Martinez (2003) afirma que, “dominar as regras significa dominar seu próprio comportamento, aprendendo a controlá-lo, aprendendo a subordiná-lo a um propósito definido”, ou seja, aprender a dominar os seus instintos e medos para que sejam alcançados os ideais do coletivo, que a essa altura já foi bem delimitada pelas regras do jogo.

Uma das características essenciais dos jogos lúdicos é despertar nas pessoas o real fundamento dessa esfera, conscientizando a sociedade para que se perceba que a competição não é o único caminho que se chega à vitória, mas que também através da cooperação os resultados podem ser alcançados com mais facilidade e promovendo a união e a confiança nos outros e em si mesmo. Nesse sentido, o professor sendo mediador dos jogos, pode-se criar um vínculo maior em relação à confiabilidade, à segurança e à proximidade criada entre o professor e o aluno, gerando laços que podem contribuir positivamente no processo de ensino aprendizagem.

Os jogos cooperativos são destinados a crianças, jovens e adultos, propiciando a criação de teias de relações, cujo seu objetivo primordial seja alicerçado no desenvolvimento das capacidades tanto intelectuais quanto motoras, fazendo emergir oportunidades para um aprendizado cooperativo, integral e prazeroso, mas que também atenda às ações educativas e que formem pessoas completas, fortes, decididas e que, acima de tudo, saibam se impor na sociedade a qual estejam inseridas.

Jogando, a criança aplica suas vivências transformando o real de acordo com seus desejos e interesses, resolvendo situações do seu cotidiano, pois é no ato de

brincar que a criança irá desencadear seus sentimentos de maneira a vivenciá-la, ou seja, ela irá criar as suas representações daquilo que tem significado, sendo de acordo com a sua realidade e com as regras, as quais são aceitas a partir dos doze anos de idade.

Todavia, quando se fala de cultura, Cavallari (2006,) define que, "jogo e brincadeira em outras línguas têm o mesmo sentido, daí a confusão que brincadeira é livre e jogo tem regras fixas", em outras palavras, falta um pouco de conhecimento e discernimento das pessoas para que sejam esclarecidas essas divergências entre uma modalidade e outra que contribuem para o desenvolvimento integral dos educandos.

Em contrapartida, o jogo quase sempre é visto como um procedimento com regras, sendo definido por Piaget (1976) como sendo o que classifica o jogo infantil em quatro categorias: exercício, simbólico, regras e de construção, onde o jogo de exercício é a repetição com objetivo de prazer e está é uma das primeiras atividades lúdicas da criança, e o jogo simbólico caracteriza-se a partir de um objeto que é utilizado pela criança de acordo com a sua imaginação. Já que no jogo de regras, exige-se que o participante cumpra todas as normas, levando em consideração fatores determinantes para se desenvolver o controle do raciocínio e atenção, e no jogo de construção, os brinquedos são construídos a partir de objetos na criação de um novo.

Corroborando, a criança joga, aprende e ensina com base nas brincadeiras de uma forma que identifica valores, o respeito ao mundo e ao outro, onde o contexto sócio - cultural - histórico em que ela está inserida exige o respeito às regras, a noção de certo e errado. Desta forma, jogos e brincadeiras favorecem a formação da identidade do indivíduo e do grupo, os quais consolidam o indivíduo que queremos formar.

- O afeto mediante o ensino

A afetividade faz parte de todo ser humano, desempenhando um papel de grande importância na vida psíquica, além disso, é a mais perceptível manifestação de intimidade demonstrada nos nossos sentimentos como tristeza, felicidade, emoção, paixão. Diante disso, Barreto (1998, p. 71) conceitua a afetividade como:

[...] conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob as formas de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre de impressão de dor ou de prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza.

Pode-se considerar a afetividade como o estímulo que impulsiona a vida, tendo em vista o fato de que ela interfere decisivamente no pensamento, na percepção, memória, ações e vontade, além de ser um componente essencial para a formação e o equilíbrio da personalidade.

A afetividade acompanha o ser humano desde o nascimento até a morte. Ela “está” em nós como uma fonte geradora de potência, de energia. Dizemos que, até os 12 anos, a vida do ser humano é extremamente afetiva e, a partir daí o futuro adulto já tem estabelecidas suas formas de afetividade. A afetividade domina o pessoal na esfera instintiva, nas percepções, na memória, no pensamento, na vontade, nas ações, na sensibilidade corporal é componente do equilíbrio e da harmonia da personalidade (ROSSINI, 2001, p. 09)

No que se refere ao ensino, a afetividade é considerada como componente que conduz os comportamentos, estimulam e energizam a aprendizagem. La Taille (1992) ressalta que a afetividade está inteiramente vinculada ao cognitivo, atuando como um despertador para as motivações e as ações, posto que, na maior parte, temos mais disposição pelo que prezamos.

A afetividade é o que transporta a nossa vida — a alegria, a felicidade, a esperança, o entusiasmo, a motivação, o prazer e o principal de todos: o amor, que é o prolongamento do domínio, que é o coração. É inconcebível uma educação em que não exista a afetividade em sua composição, pois “[...] semafeto não há educação” (CHALITA, 2004, p. 149).

Sendo assim, afetividade é a ação mais complexa que o ser humano é capaz de lidar, e ocorre a partir do momento em que o sujeito se junta ao outro pelo amor, produzindo assim um amplo aspecto de sentimentos relacionados à história das relações sociais, onde a criação dos vínculos afetivos deve ser compartilhada para que os laços afetivos se concretizem.

- Afetividade na perspectiva de Jean Piaget

Na teoria Piagetiana, o afeto assume um papel de grande importância quando associado à inteligência. A conformidade existente entre o desenvolvimento da afetividade, das funções motoras e cognitivas seguirá no percurso de todo o desenvolvimento do ser humano, desde a infância até a adolescência.

[...] vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas. E são inseparáveis porque todo intercâmbio com o meio pressupõe ao mesmo tempo estruturação e valorização. Assim é que não se poderia raciocinar, inclusive em matemática, sem vivenciar certos sentimentos, e que, por outro lado, não existem afeições sem um mínimo de compreensão (PIAGET, 1976, p. 16)

A afetividade está totalmente ligada à proposta de formação do cidadão dentro da instituição escolar, pois é esta interação com os ambientes físicos e sociais que permite a formação das estruturas mentais e a aquisição de meios que as façam funcionar.

Neste sentido, Piaget (1976) afirma que a vida afetiva, como a vida intelectual, é uma adaptação contínua e as suas adaptações são, não somente conjuntas, mas interdependentes, pois nos sentimentos manifestamos interesses e os valores das ações, das quais a inteligência constitui a estrutura.

Em seus estudos, Piaget descreve sobre a importância da inserção da família no processo de aprendizagem, sendo tarefa do educador conhecer o processo de educação dos pais como ponto de partida para a interação família e escola, e nesta perspectiva promover uma maior participação dos responsáveis na vida escolar do filho. Desta forma, o desenvolvimento do aluno acontecerá com o auxílio das duas vertentes que possuem maior influência neste processo: escola e família.

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades [...] (PIAGET, 1976)

Através de suas pesquisas, Piaget (1976) também observou que crianças vivenciavam experiências e cometiam os mesmos tipos de erros de lógica em

processos semelhantes, foi percebido que em sala de aula, alguns alunos têm mais dificuldades que outros, porém os erros eram geralmente os mesmos. Neste momento, desenvolveu então uma teoria do desenvolvimento cognitivo. Demonstrando a importância do professor da Educação Infantil realizar mediações de forma afetiva perante os erros de seus alunos, gerando reforço positivo no decorrer dos processos de aprendizagem.

De acordo com Piaget, a afetividade é fundamental para a formação da inteligência e para o progresso do aluno em sua plenitude. Para ele, a educação deve possibilitar à criança uma formação ampla e ao mesmo tempo dinâmica e para isso, a instituição escolar precisa dedicar-se na formação do conhecimento cognitivo e afetivo, buscando a integração entre escola/professor e o meio social do aluno.

- Afetividade na perspectiva de Henri Wallon

Henri Wallon (1979) enfatiza em seus estudos que a afetividade é a capacidade do indivíduo de se expressar e conduzir sua vida de forma positiva ou negativa. Além disso, ele salienta que o afeto constitui papel essencial na formação da inteligência, na aquisição do conhecimento, e no desenvolvimento das aprendizagens, determinando os interesses e as necessidades individuais das pessoas.

Em relação à socialização da criança, a teoria de Wallon vem ganhando uma grande relevância pelo fato desse autor observar o desenvolvimento social e afetivo na infância. Wallon demonstra atenção e preocupação relacionada à infância, e seus estudos têm reflexo direto nas intervenções em sala de aula, pois para ele:

A afetividade é um domínio funcional, cujo desenvolvimento é dependente da ação de dois fatores: o orgânico e o social. Entre esses dois fatores existe uma relação recíproca que impede qualquer tipo de determinação no desenvolvimento humano, tanto que a constituição biológica da criança ao nascer não será a lei única do seu futuro destino. Os seus efeitos podem ser amplamente transformados pelas circunstâncias sociais da sua existência onde a escolha individual não está ausente (WALLON, 1979)

A experiência do educador no trabalho com a abordagem Walloniana e a sua convicção de que a tarefa educativa implica a compreensão do humano como pessoa completa, possibilita reconhecer como a presença dos afetos interfere na aprendizagem do aluno. Para ele, a formação da pessoa como um ser íntegro não

ocorre de forma linear e contínua, mas apresenta movimentos que envolvem integração, conflitos e alternâncias nos conjuntos funcionais.

Na visão de Wallon (1979), as influências afetivas exercem ação determinante na evolução mental da criança. Essa concepção indica-nos, portanto, a necessidade da realização de estudos sistematizados sobre o desenvolvimento da afetividade e de suas manifestações, a fim de pensarmos estratégias para lidar com elas e unir a prática educativa dos professores da Educação Infantil. Desde o berço não se aprende a sentir, mas, o que garante um desenvolvimento mental é a própria capacidade de conhecer a partir do sentir. Sendo assim, de acordo com que o tempo passa, pode-se perceber que o conhecimento e o sentimento são parte de uma mesma via.

Face ao exposto, nota-se que a afetividade para Henri Wallon é um sentimento no qual se manifesta do orgânico e conquista um status social através da relação com o outro e que, além disso, trata-se de uma dimensão geradora na formação da pessoa completa.

- Afetividade na perspectiva de Vygotsky

Na perspectiva Vygotskyana os fatores ambientais são essenciais e, influenciam fortemente no desenvolvimento do indivíduo em suas relações com o meio social, por esse fato que ele é formado de aspectos biológicos e ambientais. Sendo vista, então, como uma teoria sócio-histórico-cultural do desenvolvimento das funções mentais.

A afetividade é um elemento cultural que faz com que tenha peculiaridades de acordo com cada cultura. Elemento importante em todas as etapas da vida da pessoa, a afetividade tem relevância fundamental no processo ensino aprendizagem no que diz respeito à motivação, avaliação e relação-professor e aluno (VYGOTSKY, 1998, p. 42)

Para que o aluno manifeste seu pensamento e recorde melhor as inúmeras situações, algumas atividades devem ser emocionalmente instigadas, considerando que os comportamentos emocionais desempenham uma influência essencial em todas as ações do processo educativo. Portanto, o processo de ensino-aprendizagem, leva em conta também a parte da afetividade e sua expressão dentro de sala de aula.

Segundo Vygotsky (1998), a relação entre professor/aluno não deve ser de imposição, mas de empatia e respeito, pois assim será provocado um maior incentivo

ao crescimento, pelo apreço ao aluno como um ser ativo e participativo no seu processo de aprendizagem. Os professores devem estruturar todas essas ações e todo o complexo processo através de seus momentos críticos, assegurando aos alunos a forma como vão receber e adquirir o conhecimento proporcionado (VYGOTSKY, 1998, p. 157).

Entende-se na teoria de Vygotsky que, para se entender o ser humano é preciso compreender a sua base afetivo-volitiva, de acordo com que a criança se desenvolve ela passa a ter uma capacidade emocional mais aprimorada, aprendendo a ser afetivo desde o nascimento até o fim de sua vida, estando associado a sua vivência, cultura e ensinamento.

- Educação Infantil

No final da década de 1920 e no início de 1930, as mulheres que trabalhavam fora do ambiente familiar deram início a uma luta para conquistar um local onde pudessem deixar seus filhos durante o período de trabalho. A partir deste acontecimento, a creche surge no Brasil no final do século XIX com caráter assistencialista visando apenas o “cuidar”. Então, reconhece-se que a Educação Infantil surgiu com o objetivo de assistência à saúde e preservação da vida, não incluindo a abordagem educacional, sem fins educativos, mas sim para prestar assistência e cuidado.

Atualmente a Educação Infantil – primeira etapa da Educação Básica – tem como objetivo o desenvolvimento integral da criança até os seus seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social (BRASIL, 2014).

Nesta perspectiva, a Educação Infantil une o educar e cuidar, entendendo o cuidado como parte fundamental no processo educativo. Neste contexto, instituições escolares assumiram o propósito de expandir o universo de conhecimentos, experiências e habilidades dos alunos, diversificando e proporcionando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar.

A expressão “pedagogia da infância” para Rocha (1999) é a oportunidade de desenvolver uma autêntica Pedagogia na Educação Infantil, na qual o objeto de estudo são os próprios alunos, seus processos de formação em diferentes contextos. Desta forma, a pedagogia da infância é o processo que une o cuidado e a inserção social da criança pertencente à faixa etária de 0 a 6 anos, levando em consideração

suas singularidades.

O educador precisa ser sensível às suas emoções, estar apto para lidar com situações que exijam paciência, compreensão e técnica, tendo capacidade para lidar com imprevistos que requerem flexibilidade e criatividade, para poder lidar com crianças na educação infantil, além disso, deve usar sempre o conhecimento e a sociabilidade ligada aos aspectos afetivos, para o bem do aluno e tranquilidade dos pais (CHALITA, 2004, p. 52).

Na Educação Infantil, o aluno insere-se em uma nova realidade onde por vezes depara-se com sentimento de medo, insegurança, desconforto e, a afetividade no ambiente escolar, promove maior conforto e segurança para frequentar a sala de aula, causando assim, o interesse em conviver com outras pessoas. Além disso, o educador ao criar vínculos afetuosos com a criança, faz com que ela confie e revele intimidades de sua vida pessoal e familiar. Por isso o professor além de transmitir conhecimentos, é amigo e confidente do seu aluno.

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI), assegura que

(...) As instituições de educação infantil devem favorecer um ambiente físico e social onde as crianças se sintam protegidas e acolhidas, e ao mesmo tempo seguras para se arriscar e vencer desafios. Quanto mais rico e desafiador for esse ambiente, mais ele lhes possibilitará a ampliação de conhecimento acerca de si mesma, dos outros e do meio em que vivem. (BRASIL, 1998, p. 15)

As crianças na Educação Infantil possuem pouco conhecimento em relação à vida social e, uma vulnerabilidade pelo fato de ser o primeiro contato com outro ambiente e pessoas diferentes às quais convivem no núcleo familiar. Por isso, o professor que atua nesta etapa, tem a responsabilidade de acolher a criança de maneira afetuosa e compreender o papel do cidadão, proporcionando um maior entendimento das habilidades e competências necessárias para a vida adulta, tendo em vista que a escola tem grande influência no tipo de homem e sociedade que se deseja construir.

- Processo de aprendizagem

O processo de aprendizagem da criança se inicia logo nos primeiros dias de vida através de vivências e estímulos, que influenciam todo o seu desenvolvimento.

Referencial teórico construído juntamente com Andreia Luiza de Araújo.

Ao ingressar na Educação Infantil, este processo se expande em razão das interações com outras crianças, com o novo ambiente, com as trocas de experiências, da observação e da transmissão de conhecimento pelo professor.

Face ao exposto, o professor precisa conhecer o processo de aprendizagem e os eixos estruturantes da Educação Infantil preconizados pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017). Sendo este, um documento regulamentar que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e categorias da Educação Básica.

A BNCC (2017) apresenta seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento para garantir a todas às crianças condições de aprender e desenvolver-se. São eles: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer. Além do mais, o documento contempla os campos de experiências, no qual trazem objetivos de aprendizagem e desenvolvimento para os alunos, buscando assim acolher as situações e as experiências da vida cotidiana das crianças e seus conhecimentos.

Além disso, no Brasil, ainda enfatiza-se a parte que diz respeito à expressão do aluno no âmbito escolar, sendo que

As crianças possuem uma natureza singular, que as caracterizam como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio, e isto porque, através das interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhe são próximas e com o meio que as circunda, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem as relações contraditórias que presenciam e, por meio das brincadeiras, explicitam as condições de vida a que estão submetidas e seus anseios (BRASIL, 1998, p. 21).

O ensino deve acontecer de forma contextualizada e muito bem planejada, pois o convívio entre professor/aluno cria uma relação de simpatia ou antipatia com o próprio educador e com o conteúdo que ele transmite. O professor é quem oferece uma atenção e dedicação, inclusive, para abranger o conhecimento do aluno não somente no campo cognitivo, como também pelo conhecimento de mundo.

- Relação afetiva e aprendizagem na educação infantil

O professor atuante na sala de aula, parceiro da família e ciente da sua importância no processo de integração do aluno ingressante na escola, divide com a família a responsabilidade pelos estímulos, pelo crescimento e desenvolvimento integral das crianças, no processo de formação de valores.

Referencial teórico construído juntamente com Andreia Luiza de Araújo.

As escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdos e técnicas educativas. Elas têm contribuído em demasia para a construção de neuróticos por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos e de dores (SALTINE, 2008, p.15).

Isto significa que, os educadores devem observar as crianças e manifestar limites no propósito de colaborar no seu desenvolvimento, proporcionando-lhes atividades de aprendizado, que expressam sentimento, já que, dessa maneira o ambiente criado, será de segurança possibilitando às crianças realizar suas próprias escolhas de maneira assertiva, tendo em vista o meio em que estão inseridas.

O afeto no processo educativo é importante para que a criança manipule a realidade e incentive a função simbólica. Além disso, a afetividade está inteiramente associada à autoestima e às formas de relacionamento entre aluno e aluno e professor e aluno. Um professor que não seja afetivo com seus alunos construirá uma distância, criará bloqueios com os alunos e deixará de estar criando um ambiente rico em afetividade (COSTA e SOUZA, 2006, p. 12).

As relações afetivas nas salas de aula dependem muito das atitudes do professor. Se ele se mantiver indiferente ou expressar raiva em relação aos alunos, a tendência é que essas atitudes causem reações recíprocas nos alunos, gerando um ambiente conflituoso que dificultará a aquisição do conhecimento. As emoções e os sentimentos das crianças influenciam o seu desempenho escolar. A relação que elas estabelecem com o meio tem um importante papel na aprendizagem (SOUZA, 2013, p. 20-21).

Diante disso, entende-se que é fundamental que o professor construa uma relação entre professor/aluno onde ele se ofereça de forma completa para o educando, para que assim consiga identificar cada emoção que a criança expressa no ambiente escolar. Cabe salientar que faz parte do trabalho do professor causar o vínculo de afeto entre ambos e até mesmo com os colegas em sala de aula.

Em seus estudos, Cunha (2008) salienta que, o que determina o aprender com qualidade é o afeto, e que as crianças só aprendem se desejam isso, ou seja, o professor que possui a afetividade estará indo pelo melhor caminho. Lisboa (1998) enfatiza que o educador que usa o diálogo para analisar o que está acontecendo com seu aluno que não está evoluindo, está se importando com ele, buscando ajudá-lo e demonstrando que pode contar com a sua ação educativa.

Face ao exposto das definições, é notória a relevância dos vínculos afetivos na vida do estudante na Educação Infantil, pois refere-se a um ser que está em processo de desenvolvimento. A partir do pressuposto que salienta que a educação da criança começa com a família e depois passa para a escola, podemos demonstrar e provar que a afetividade sempre aparece associada à educação, seja ela formal ou informal.

- A importância do afeto no desenvolvimento de crianças

Uma criança necessita de acolhimento, de alguém que a ouça e, principalmente, de alguém que a ame; neste sentido, há o despertar para uma vida inteira de aprendizado. Sendo assim, o docente é o ator principal, é quem prepara e assume o desenvolvimento para a busca e o interesse das crianças.

Em um estudo realizado por Leite (2018) sobre a importância do afeto no desenvolvimento das crianças, o mesmo ressalta as dimensões afetivas observadas na mediação do docente durante o contato da criança com a escrita, as quais se manifestam de forma verbal e/ou não verbal. O autor comenta ainda a respeito de outros aspectos que puderam ser observados, incluindo as dimensões afetivas, que contribuem de modo significativo e determinante no processo de aprendizagem da linguagem escrita; as várias formas de interação entre o docente e as crianças, contribuindo assim para a formação da autoestima e autoconfiança. Com isso, o autor finaliza deixando explícito o quanto é conveniente que o professor planeje e organize sua ação, a qual deve assumir como sendo a de um observador, intérprete e capaz de analisar os aspectos presentes no par professor-mediador e criança.

Folquitto (2018) nos relata o quanto falar sobre a afetividade é desafiador, isso porque o ser humano age influenciado pelos sentimentos e, apesar disso, nem sempre o indivíduo tem consciência do modo como os mesmos se manifestam e nos influenciam. Na educação infantil, os primeiros conhecimentos da criança podem gerar sentimentos diversos, como a insegurança e o medo; o docente, no entanto, pode incitar coragem à mesma nesse momento para que se sinta capaz de lidar com os desafios presentes nesta etapa.

Referindo-se a este assunto, Lourenço (2018) comenta que as relações de afeto existentes entre docente e aluno se tornam de grande importância para o aprendizado do mesmo; existem casos em que o professor é tido pelo aluno como alguém que faz parte da família. Isso acontece, segundo o autor, por conta do contato

diário entre o professor de educação infantil e a criança, e também por ser um dos primeiros contatos da mesma com o ambiente escolar. Por esse convívio, o educador necessita desenvolver sua percepção acerca do trabalho pedagógico com a referida etapa da educação, com conhecimentos específicos e meios mais apropriados para a promoção dos processos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de ensino aprendizagem ocorre de fora para dentro, o qual existem diversos fatores internos e externos que são determinantes neste mesmo processo. No ambiente escolar, para favorecer o aprendizado de alunos, é importante entender cada aluno com sua bagagem, experiências, cultura e sociedade em que vive, pois cada aluno tem sua própria forma de aprender, ainda que possa ser diferente do seu ensino no trabalho em grupo.

O conhecimento dentro de sala de aula deve ser encarado cada vez mais como uma troca de informações, pois o processo de ensino vai muito além da transmissão de conhecimentos, não devendo este ser automático, pois também tem a função de adequar o conteúdo ensinado à realidade do aluno. Para que este processo atinja um nível de qualidade, é preciso que haja também uma atualização constante por parte do professor, uma valorização maior da profissão e uma busca por ferramentas tecnológicas que possam auxiliar no processo educativo. Uma formação escolar que seja capaz de proporcionar a reflexão e o questionamento, é responsabilidade do professor que precisa para isto assumir seu papel de educador pois, o educar é uma responsabilidade que deve ser trabalhada constantemente.

Diante de tudo que foi pesquisado e estudado, pode-se concluir o papel imprescindível da família na educação das crianças, uma vez que ela é a primeira fonte de ensinamento e, na maioria das vezes, elas agem pelo reflexo de seus pais. É no seio da família que se inicia a construção do indivíduo, e ela é também o apoio à percepção das possíveis dificuldades de aprendizagem e, para além disso, enaltecer o papel do professor no educandário, sendo que o mesmo deve estar em constante aprimoramento, aberto a novas experiências, aos sentimentos e problemas dos seus alunos, enaltecendo que o professor contribui para a formação e o desenvolvimento do aluno enquanto indivíduo e membro da sociedade, proporcionando experiências além do âmbito intelectual, que vão ficar marcadas para sempre na vida dos alunos,

Referencial teórico construído juntamente com Andreia Luiza de Araújo.

Nesse sentido, evidencia-se que a relação professor-aluno é extremamente relevante, pois a maneira que o professor conduz essa relação de afetividade contribui para a autoestima do educando, além da confiança e motivação, influenciando diretamente no sucesso do processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Sirdley de Jesus. **Psicomotricidade: educação e reeducação**. Blumenau: Odorizzi, 1998. Disponível em: <https://www.construirnoticias.com.br/a-afetividade-no-processo-de-ensino-aprendizagem/>. Acesso em 27 out. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_sit_e.pdf Acesso em: 28 out. 2021.

_____. **Referencial curricular nacional para educação infantil (RCNEI)**. Brasília, MEC/SEF, 1998, V.3. Disponível em: https://faced.unifesspa.edu.br/images/TCC/2020/TCC_Daniella_Mendes_dos_Santos.pdf. Acesso em 29 out. 2021.

_____. **Lei nº 13.005**, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Disponível em: https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/607/1/MONOGRAFIA_DirecionamentoGradua%c3%a7%c3%a3oBrasil.pdf. Acesso em 29 out. 2021.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 2019.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. **Metodologia qualitativa e método clínico qualitativo: um panorama geral de seus conceitos e fundamentos**. Um panorama geral de seus conceitos e fundamentos. 2015. Disponível em: <https://arquivo.sepq.org.br/II-SIPEQ/Anais/pdf/poster1/05.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2021.

CAVALLARI, Vânia Maria (Org.). **Recreação em ação**. São Paulo – SP: Ícone, 2006.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. 17. ed. São Paulo: Gente, 2004. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8644104>. Acesso em 26 out. 2021.

COSTA, Keyla Soares da; SOUZA, Keila Melo de. **O Aspecto Sócio-Afetivo no Processo Ensino-Aprendizagem na Visão de Piaget, Vygotsky e Wallon**. 2006. Disponível em: <https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/artigo1.pdf>. Acesso em 27 out. 2021.

CUNHA, Antônio Eugênio. **Afeto e Aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

FERREIRA, Felipe. **8 indicadores de qualidade para acompanhar na gestão escolar**. 2018. Disponível em: <<http://www.proesc.com/blog/8-indicadores-de-qualidade-na-gestao-escolar/>>. Acesso em: 19 out. 2021.

FOLQUITTO, Camila Tarif Ferreira. **Dimensões cognitivas, afetivas e morais na infância**. 2018.

FREIRE Paulo. **Educação como Prática Libertadora**. Rio de Janeiro (RJ): Paz e Terra; 1996.

LA TAILLE, Yves. **Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992. Disponível em: <http://abelardoluz.ifc.edu.br/wp-content/uploads/2019/02/TC-Daniela.pdf>. Acesso em 25 out. 2021.

LEITE, Sergio Antonio Da Silva; COLOMBO, Fabiana Aurora. A afetividade na mediação do professor da pré-escola. **Revista de Psicologia da Unesp**, [S.l.], v. 7, n. 1, p. 18, mar. 2018. ISSN 1984-9044.

LISBOA, Antonio Marcio Junqueira. O seu filho no dia-a-dia: dicas de um pediatra experiente. Vol. 3, Brasília: **Linha Gráfica**, 1998.

LOURENÇO, Iana Maria Pereira. **Afetividade e educação infantil: concepções e práticas docentes no município de Campina Grande/PB**. Universidade Federal da Paraíba, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/11026>. Acesso em 25 out. 2021.

MARTINEZ, Marta Rabadán (Org.). **A Psicomotricidade na Educação Infantil: Uma Prática Preventiva e Educativa**. /trad. Inajara Haubert Rodrigues. – Porto Alegre: Artmed, 2003.

PACIEVITCH, Thais. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. 2018. Disponível em: <https://www.infoescola.com/educacao/lei-de-diretrizes-e-bases-da-educacao/>. Acesso em: 19 out. 2021.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Rio de Janeiro: Zahar. 1976. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/9148/5453>. Acesso em 26 out. 2021.

PRESTES, Nadja Mara Hermann. **Educação e racionalidade: conexões e possibilidades de uma razão comunicativa na escola**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. **Ou isto ou aquilo: Dilemas e perspectivas metodológicas da pesquisa em educação infantil**. FE-Unicamp. (Mimeo). Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8644104>. Acesso em 29 out. 2021.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia afetiva**. 8. ed.: Vozes, 2001. Disponível em: <https://www.construirnoticias.com.br/a-afetividade-no-processo-de-ensino-aprendizagem/>. Acesso em 27 out. 2021.

SALTINI, C. J. P. **Afetividade e inteligência**. Rio de Janeiro: DPA, 2008. Disponível em: <http://abelardoluz.ifc.edu.br/wp-content/uploads/2019/02/TC-Daniela.pdf>. Acesso em 27 out. 2021.

SOUZA, Cristiane Belarmino de. **A afetividade na visão de docentes da Educação Infantil**. 2013. 42 f. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino), Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/44/afetividade-nas-relacoes-educativas-uma-abordagem-da-educacao-infantil>. Acesso em 27 out. 2021.

VENANCIO, Silvana. FREIRE, João Batista. **O jogo dentro e fora da escola**. Campinas, SP: Autores Associados, apoio: Faculdade de Educação Física da Unicamp, 2005.

VYGOTSKY, L. S. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo, 1998. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/i101319.pdf. Acesso em 26 out. 2021.

WALLON, Henri. 1979. **Psicologia da Educação e da Infância**. Lisboa, Portugal: Editorial Estampa. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/9148/5453>. Acesso em 27 out. 2021.